



Tribunal de Justiça do Maranhão realiza grande festa para a posse de 3 novos desembargadores



Posse das novas desembargadoras Oriana Gomes e Márcia Chaves e do desembargador José Nilo

PAG. 4 e 5

O poeta Cassas confirma para a segunda quinzena de maio o lançamento de cinco livros em São Luís

PAG. 3

Reprodução



O ATOR
Enrique Irazoqui no filme "O Evangelho Segundo São Mateus", de 1964

PAG. 8

Desconheço os pássaros de penas amarelas que flagro às vezes entre a mesmice das espécies voadoras urbanas. Talvez sejam sobreviventes de velhos massacres, da época em que o Brasil decidiu importar pardais numa súbita saudade da distante Paris. Ou então fruto de cruzamento das aves adventícias com os exemplares resistentes da nossa fauna. Eles convivem, anônimos, com outros, de papel passado, como o bem-te-vi.

No meu quintal, debruçam-se algumas surpresas, como raras rolinhas que fogem em bando ao primeiro sinal da porta. Ou os curiós, cujo som melódico do seu canto nos lembra os acordes de um violino. Encantam-me ainda outras aves pequenas e lisas nos seus movimentos de eterna fuga por entre a escassa ramagem.

Lembro dos bandos em formação que coroavam o sertão, nos primórdios da minha infância em Presidente Dutra, em determinadas épocas do ano. Sempre invoquei com a competência da migração coletiva, a que chamam instinto, mas que é pura sabedoria.

Os pássaros pensam, como os outros bichos. Chegaram à excelência da viagem por meio de tentativa e erro, como o resto de nós. Quantos não sucumbiram nas improvisações e nos rumos errados? As criaturas possuem esse dom de achar o caminho, nem que levem a eternidade para conseguir.

PÁSSAROS:

os primeiros passos são sagrados e transcendem a data em que são realizados

Por isso, quando vemos os bandos de jaçanãs fazendo voos rasantes na Baixada Maranhense, ou os guarás que dão um tom encarnado aos céus deste lado do Brasil, ou a leveza branca das garças na Lagoa da Jansen, fugindo do frio do Canadá, devemos atentar para essa evidência: a de que as aves trafegam e aprendem enquanto se movimentam. Se fixarmos o olhar, deixando-o ao mesmo tempo solto, à mercê dos pulos, bater de asas, pios e olhares rápidos em cabeças ariscas, saberemos um pouco do que se trata e o que essa presença significa.

Os pássaros estão conectados aos sonhos, premonições, encantamentos. Há sempre um corvo sobre um caldeirão fervente da feiticeira. Um papagaio no ombro do pirata. Andorinhas que conduzem o vestido de Cinderela. Gansos em investidas

contra a vilania. Corujas atentas aos mistérios do escuro. Penas em sortilégios, pombas ao redor de sinos, revoadas em coreografias perfeitas sobre os cardumes, mergulhos em linha reta fisingando escamas indefesas. Os pássaros anunciam não apenas os movimentos definitivos do Sol, quando raia o dia ou quando se recolhe no crepúsculo.

A árvore carregada de sons nos traz a notícia ainda oculta, os sinais evidentes de um acontecimento poderoso. Talvez seja o amor que acene numa algazarra na água, na brincadeira barulhenta na ramaria das margens. Talvez o solitário filhote que escapou do ninho e pausa, resabiado, no poste, seja aquela visita tão esperada que está pronta para tocar o telefone.

Os primeiros pássaros, anunciadores, têm a for-

ça das vitórias fecundas, as que nem saem destacadas em jornais ou blogs. Fazem parte do currículo da vida e nos ajudam a sobreviver, do mesmo modo que um grão, um miolo de pão, uma flor carregada até o ninho, nossa memória. A criança que inaugura o andar sob a tutela dos adultos e é aplaudida quando, cruzando as pernas, consegue cumprir seu primeiro grande objetivo; a vítima de acidente que encontra forças para recuperar os movimentos com o apoio da medicina e dos laços familiares; o estudante que entra pela primeira vez no Terceiro Grau ainda sob o efeito do mergulho insano para vencer o vestibular; o filho pródigo que enfim se decide e volta para abraçar os pais; o casal de aposentados que consegue fazer sua primeira viagem internacional; o devoto que se concentra antes da longa caminhada até o altar santo.

Todos esses primeiros passos são sagrados e transcendem a data em que são realizados. São vitórias pessoais de criaturas limitadas, que ultrapassam a fronteira do sonho e impregnam a realidade de grandeza. São gestos acima do normal, de graus para uma visão mais ampla do que chamamos vida, esse mistério que nos convoca e que pode nos abandonar de uma hora para outra.

Passos, pássaros: a linguagem aproxima o que parece disperso.

Consciência do tempo

Sem poderem acreditar que o maior navio até então construído pudesse naufragar, sem admitirem a tragédia próxima, ocorrente contudo, frente a olhos que não a queriam ver, os passageiros do Titanic insistiam, mesmo no pior dos momentos, para que a orquestra de bordo continuasse a tocar.

Também a falta de consciência do tempo vivido fez com que, na França, em 1789, o rei Luís XVI, no dia da queda da Bastilha, a 14 de julho, escrevesse em seu diário – “Nada a assinalar”.

E, ainda, que a rainha Maria Antonieta, ao tomar conhecimento da fome dos pobres, por falta de pão, indagasse, nessa época, por que, em vez de pão, eles não comiam brioche.

O fato concreto é que nem o rei da França, nem a nobreza souberam, na ocasião, praticar uma política ou firmar instituições que pudessem integrar Estado e Sociedade num mínimo de acordo.

E o resultado acabou sendo a rutura de um sistema que se julgava eterno, mesmo por presumir-se sob a proteção divina, que lhe assegurava a Igreja da época, insistindo em legitimá-lo.

Consciência do tempo...2

Imaginar que os fatos históricos seguem caminhos inexoravelmente marcados pela força do destino ou de leis sociais ou econômicas inapeláveis, como chegaram a pretender certos pensadores do passado, será, em nossos tempos, estupidéz em alto grau.

Nunca esteve o homem mais capaz de marcar os rumos a serem percorridos pela humanidade, pela gigantesca quantidade de poder que tem entre as mãos, advinda do avanço acelerado da ciência, apoiada numa tecnologia avançada, impressionante pela variedade e eficiência dos seus recursos.

Poderia, então, o homem contemporâneo fazer tudo ou quase tudo o que quisesse e bem entendesse, caso não estivesse esse poder concentrado em mãos de poucos, que dele fazem uso visando somente à satisfação dos seus desejos ou a manutenção e ampliação dos seus interesses.

Parece, pois, haver se extinguido, no mundo trágico em que vivemos, a noção do próximo, aquele que, conforme o mandamento maior da Lei de Deus, deverá ser amado por nós, tanto quanto a nós mesmos, abaixo apenas, em grau, do amor dedicado ao Todo Poderoso.

Consciência do tempo...3

E em razão dessa ausência vai regredindo o homem, que cresce em poder, para um tempo de egoísmo desvaído, priscas épocas, em que os mais ricos se julgavam donos de tudo, mesmo de outros homens, aos quais escravizavam, sem admitir a possibilidade de virem a ser discutidos, algum dia, seus direitos de procedimento e ação.

E, no entanto, chegaram esses inconscientes, mesmo sem querer acreditar no que estava a acontecer, a um final dramático, vítimas de sua incapacidade de entender o tempo histórico e o mecanismo que o movimentava, dinâmica por eles mesmos, por sinal, gerada, e nunca o resultado de uma determinação superior, seja ela chamada fatalidade, destino ou mesmo Vontade Divina.

Por ser, em verdade, o homem, o real construtor da sua realidade e, portanto, o responsável pelos bons ou maus resultados alcançados no decurso do processo civilizatório da humanidade.

Consciência do tempo...4

Dilui-se, contudo, no presente, a noção, essencial ao homem, do Estado. Extinguem-se os países – com seus povos, suas culturas, suas bandeiras, suas línguas. Surgem, em seu lugar, potências financeiras sem nome ou pátria, lábaros ou falares, identificadas por números gigantescos, somente capazes de ser reconhecidos através da leitura da informática.

Seus donos anônimos governam o mundo atual. E em defesa dos seus interesses serão capazes de destruir, impiedosamente, povos e nações, em mínimos espaços de tempo, estejam onde estiverem – na Europa, na Ásia, África ou América Latina. Seus capitais migram, não como as aves, em função da mudança das estações, mas de acordo com as facilidades de remuneração do dinheiro.

Fala-se, então, de globalização. Cria-se um termo aparentemente novo e de efeito, para caracterizar uma época atroz. Não foi, com certeza, com o sentido que hoje lhe dão os financistas, que o termo global foi utilizado, nos anos 1960, por Mac Luhan, ao referir-se ao mundo que resultaria do desenvolvimento da informática, como uma aldeia global.

Pretendeu ele, então, considerar um futuro em que todos teriam acesso a todas as informações e conhecimentos e poderiam, utilizando-os, conviver em paz, compartilhando o conforto que lhe poderia trazer uma nova era, solidamente assentada numa tecnologia de avanços impressionantes.

Consciência do tempo...5

Não souberam, porém, os homens poderosos do século XXI ou não quiseram, construir um mundo melhor para todos. Preferiram fazê-lo para alguns poucos. E temos, em consequência, previsão de tragédia.

A não ser que haja quem queira não considerar tragédia, o crescimento acelerado, em escala mundial, do desemprego, atingindo, de forma mais aguda, sociedades mal preparadas, como a nossa, para enfrentar-lhe as consequências.

Torna-se urgente a necessidade de repensar o mundo e o destino de cada um de nós. Sem o otimismo exagerado dos que acreditam que, de modo espontâneo, as coisas se acomodarão e tudo voltará a ser como antes. Sem o pessimismo dos que creem na inevitabilidade de violências sem termo ou na ocorrência de novos conflitos mundiais.

Armados, contudo, do raciocínio exemplar dos verdadeiros cientistas, aqueles que colocam a ciência e a tecnologia a serviço de toda a humanidade e não aceitam a idéia de serem elas postas à disposição somente de alguns poucos privilegiados.

E mais, de uma noção exata do valor do Homem, e por isso dispostos à construção de um humanismo novo, regenerador de um mundo e uma civilização em real perigo de sobrevivência.



Uma dos cartões postais mais bonitos e emblemáticos da Havana antiga tombada como Patrimônio Histórico da Humanidade

Cuba, que linda és, Cuba

Leitor deste caderno conta que foi de Havana até Varadero, passando por Cienfuegos, Trinidad e Santa Clara, e voltou rendido aos encantos do país das Caraíbas.

Cuba foi descoberta por Cristóvão Colombo em 24 de outubro de 1492, ou seja, há 532 anos. A ilha era povoada por indígenas, os quais lhe chamavam Bohio. Sebastião del Ocampo, em 1509, começou a sua colonização. O primeiro movimento de independência foi conduzido por Carlos Manuel de Céspedes, entre 1868 e 1878. José Martí (1853-1895), o herói nacional, foi condenado e deportado pelas suas atividades consideradas subversivas, e, no regresso a Cuba, fundou em 1892 o Partido Revolucionário Cubano, que em 1895 deu início a uma guerra pela independência, mas na qual acabou por falecer. Em 1898, os Estados Unidos invadiram Cuba, e esta ilha passou a ser uma colônia sua, tendo, durante as primeiras décadas do século XX, continuado a exercer a sua influência, também através do seu fiel e subserviente Fulgêncio Batista, até que, no dia 1 de janeiro de 1959, guiados por Fidel Castro, Che Guevara e muitos revolucionários venceram, dando início à Revolução Cubana que se mantém viva, apesar das muitas vicissitudes por que tem passado.

Iniciamos mais esta viagem pela Capital, e, como é da praxe, percorremos Havana Velha, declarada Patrimônio Cultural e da Humanidade, em 1982, pela

UNESCO. Há na cidade sempre novos motivos de interesse, um dos quais é que a colorida toponímia desta zona foi oferecida pela Fábrica Viúva Lamego. Ali encontramos uma barbearia, a Habanera, onde estão na montra fotos de várias personalidades que utilizaram os seus serviços, de que destacamos o príncipe Charles (agora Rei Charles III).

Seguimos pelas calles e fomos até o café que Eça de Queiroz, quando cônsul de Portugal, frequentava, o Colonata Egipciana. A sua atividade consular foi algo controversa, já que se opôs à utilização de mão-de-obra escrava oriunda de Macau, o que não foi bem aceito pelos latifundiários açucareiros cubanos.

Obrigatoriamente, fomos a dois dos ex-líbris da cidade, a Floridita e a Bodeguita del Médico, a quem, como é sabido, Hemingway não deixou de registar: “Mi daiquiri en la Floridita e mi mojito en la Bodeguita”. Apesar da longa fila, também não desistimos de saborear um gelado na Copélia.

Seguimos até a província mais ocidental, Pinar del Rio, e fomos até Viñales, região conhecida pelas plantações de tabaco, Paisagem Cultural Protegida da UNESCO desde 1999, onde fomos visitar a Cueva del Índio, uma antiga residência indígena localizada a 5,5 km daquela cidade, descoberta em 1920 por um camponês chamado Juan Diaz. Dentro da caverna pode-se admirar algumas

pinturas rupestres espetaculares e também alguns vestígios arqueológicos da cultura pré-colombiana.

Por ali passa o rio São Vicente, pelo qual se pode percorrer um trecho da gruta num barco a motor. É um local muito interessante devido às formações geológicas de estalactites e estalagmites que se avistam no interior da gruta, o que constitui um belo espetáculo. A Cueva del Índio é iluminada, permitindo que se possa admirar o interior desta maravilha subterrânea natural. Ali perto visitamos um Mural da Pré-História que ocupa cerca de 120 metros, pintado sobre um rochedo, o qual foi feito por artistas locais, e representa a teoria da evolução.

Visitamos a cidade de Cienfuegos, conhecida como a Perla del Sur, onde pudemos admirar e navegar na sua baía, uma das mais bonitas do país. A cidade foi colonizada por franceses, a partir de 1819, e muitos dos seus edifícios têm uma arquitetura de influência europeia.

Rumamos até Trinidad, considerada por muitos como a maior pérola de todas as cidades coloniais cubanas e que é Patrimônio Mundial desde 1988 e cujo centro histórico permanece muito bem conservado. Visitas obrigatórias: a Igreja da Santíssima Trindade, onde podemos ver um Jesus Cristo sentado, imagem algo rara, e também uma parada para degustar no famoso bar da

Canchánchara a bebida típica da região que contém mel, rum, água e limão.

Em seguida partimos até Santa Clara, a cidade de Che Guevara. Ali se desenrolou uma das mais importantes vitórias contra o ditador Fulgência Batista, quando Che e seus homens venceram o exército do regime. A história do próprio Che também é contada nesta cidade, num mausoléu onde se encontram os seus restos mortais, além de muitos objetos militares e dos revolucionários que participaram nessa batalha.

Finalizámos este périplo com uma breve mas reconfortante estada em Varadero, onde desfrutamos das águas límpidas e quentes, além de nos deliciarmos com os sabores das comidas caribeñas e frutas tropicais e com os refrescantes néctares, além de vinhos e Bucaneras.

Notamos uma enorme profusão de celulares nas mãos do povo cubano, tal como nas nossas cidades, com os quais vão contactando os familiares tanto em Miami como na Espanha, segundo nos relataram em vários locais, e o ar sempre alegre, despreocupado e interessado em saber da nossa nacionalidade. Cativaram-nos com os seus sorrisos francos, e sempre com um pé a também puxar-nos para a salsa, apesar dos graves problemas que continuam a sentir por efeitos do bloqueio norte-americano, há mais de 50 anos, e anualmente condenado na ONU.

Hasta pronto!

Cristo e a lição de paz

A celebração da Paixão de Cristo, no Brasil, não é apenas uma efeméride religiosa, mas foi secularizada pela tradição. Certamente, a prática da penitência, ou a maior afluência aos templos, a partir do Domingo de Ramos, tem uma conotação mais visível no ritual dos católicos, onde se estimula a prática penitencial. Ainda assim, está dirigida, nos anos recentes, para a convivência com os temas da nossa vida social. Este ano, por exemplo, com uma atenção forte para unir a sociedade na promoção de uma economia a serviço da vida, sem exclusões, criando uma cultura de solidariedade e trazendo paz.

A Semana Santa é, para os religiosos, um tempo apropriado aos exercícios espirituais, às liturgias penitenciais, às privações voluntárias como o jejum e a partilha fraterna em obras de caridade, ou da simples esmola aos desprotegidos. Entre nós, 50 anos atrás, os rádios se limitavam, a partir da quinta-feira até a chegada do sábado de Aleluia, a



divulgar músicas instrumentais, de preferência de ritmo lento, dos chamados autores clássicos. Hoje, não há modificação sensível na programação diária dos veículos de comunicação.

A abstinência de carne foi há muito substituída por mesas fartas, ainda que exclusivamente com peixes e produtos vegetais. No nosso caso, desde o bacalhau importado até os pescados frescos de nossos mares, rios e alagados (às vezes os açudes e barragens construídas para gerar energia elétrica). As comidas de coco, inclusive o feijão e o arroz, fazem parte do ritual mundano da Semana Santa. E o vinho tem seu lugar garantido à mesa, até em muitas famílias de baixa renda. Recente é a introdução de práticas importadas como a distribuição de “ovos de Páscoa” em forma de chocolate.

Tudo isso, em homenagem ao Cristo que, há dois mil anos, incorporou ao espírito conturbado do Planeta Terra sua lição de paz que deveria servir de roteiro ao mundo interior de todos nós.



O poeta Cassas está chegando com uma bagagem lírica de cinco livros

A POESIA DE CASSAS

Acostumado à prática de longos intervalos editoriais para gestar, ruminar e acalentar seus rebentos líricos antes que desçam ao mundo, o poeta Luís Augusto Cassas quebra o jejum e iniciará a partir de 18 de maio próximo, na Livraria AMEI, no São Luís Shopping, o lançamento de cinco novos livros de poesia.

São eles, República dos Becos e Novos Poemas; Titanic-Boulogne: A Canção de Ana e Antônio; e Quatrocentona: Código de Posturas e Imposturas Líricas da Cidade de São Luís do Maranhão, com temática são-luisense-universal, a partir de imersão nos motivos de sua terra, seu povo, sua alma. Mais dois títulos fazem parte desse pacote lírico: Cotidiano, o Sagrado e Uma Bota para Netuno, vestindo o existencialismo lúdico-espiritual atravessado pela beleza do sublime e suas marés cotidianas.

Quatro títulos trazem o selo editorial da Editora 2x4, de Florianópolis, leia-se Valmor Frische. Em

pleno período pandêmico, o poeta afastou-se de São Paulo, onde reside, morando quase três anos em Floripa, aproximando-se do povo e da cultura sulista. Mas há peculiaridades que devem ser registradas para clarear a cena. Quatrocentona, foi editado anteriormente pela Arribaça, editora paraibana, através do poeta Linaldo Guedes, e se constitui em multifacetada antologia sobre a cidade natal, São Luís do Maranhão. Os outros quatro livros, estes sim, foram produzidos pela 2x4, de Floripa, no segundo semestre de 2023, fazendo um cruzamento de cinco títulos de poesia antenada com o ontem, o depois e o agora.

Duas grandes surpresas para o leitor decorrem das novas edições de República dos Becos e Novos Poemas e Titanic-Boulogne: A Canção de Ana e Antônio. O primeiro, República dos Becos, livro inaugural de Cassas, volta vestido com

novos poemas, muitos inéditos. Parte considerável de poemas foram suprimidos, por não resistirem ao charme do tempo, na opinião do autor.

Já Titanic-Boulogne: A Canção de Ana e Antônio, completou 25 anos em 2023, ano em que se comemorou o aniversário de 200 anos de nascimento de Gonçalves Dias, em agosto, um dos ídolos do poeta, por quem sempre revelou grande admiração. A obra comparece no instante em que está ampliada a dimensão do espírito afetivo promovida pelo acontecimento, com a memória coletiva voltada ao romance entre Gonçalves Dias e Ana Amélia e as trágicas contradições do seu naufrágio amoroso.

Em novas edições, as obras alimentarão novas visões de leitura, envolvendo criação de novo público, a partir do interesse e vivificação das temáticas de origem, que estão incorporadas em nossa genealogia cultural.

Quem é o poeta Cassas?

Luís Augusto Cassas nasceu em 1953, em São Luís e reside atualmente em São Paulo.

Buscador e não-buscador, sua jornada lírica tem sido progressivamente restaurar com os materiais da vida, trazidos à poesia, a circulação do bem, belo, verdade, justiça, construindo, de maneira integradora, a essência do nome de Deus, Iod+ He+ Vav + He, na travessia da consciência do humano.

Aos trinta anos, travou conhecimento com a obra de Carl Jung, I Ching, taoísmo, que lhe ampliou a compreensão da vida e do mundo. À busca do transcendente, desenvolveu ampla experimentação, incorporação e

dissolução de códigos, com o que vestiu seu azul.

A partir de 1981, data de sua estreia, publicou vinte e quatro livros de poemas. A saber: República dos Becos; A Paixão Segundo Alcântara e novos Poemas; Rosebud; O Retorno da Aura; Liturgia da Paixão, Ópera Barroca; O Shopping de Deus & a Alma do Negócio; Titanic - Boulogne: A Canção de Ana e Antônio; Bhagavad-Brita: A Canção do Beco; Deus Mix: Salmos Energético de Açai c/ Guaraná e Cassis; O Vampiro da Praia Grande; Em Nome do Filho: Advento de Aquário; Tao à Milanese; Evangelho dos Peixes para a Ceia de Aquário; Poemas para Iluminar o Trópico de

Câncer; A Mulher que Matou Ana Paula Usher; O Filho Pródigo; Bacuri-Sushi: A Estética do Calor; A Ceia Sagrada de Miriam; O Livro, compreendendo: Livro I - O Sentido (Relatos da Fumaça do Incenso), Livro II - O Paraíso Reencontrado; enfeixados em A Poesia Sou Eu; Poesia Reunida, dois volumes encadernados (Imago Editora, RJ, 2012).

São obras mais recentes A Pequena Voz Interior e Outros Comícios do Vento; Maria, a Fortaleza Sutil que Vence toda Força, Paralelo 17 e Quatrocentona: Código de Posturas e Imposturas Líricas de São Luís do Maranhão.

A poesia tem sido o seu bunker, templo, cinema, psicoterapia.

Este cara sou eu

Vende-se um homem que dá flores, que beija a mão, que abre a porta do carro, que espera a sua companhia passar na frente, que tira o cisco do casaco, e os císcos dos seus olhos, que remove o cabelo do seu rosto, que usa roupas limpas, de pele perfumada e que lava a alma, que beija como se fizesse amor e que faz amor como se beijasse, e que depois do amor se aninha, se aconchega, e interminavelmente te acaricia...

Um homem de poesia que faz versos para quem ama e que eterniza o amor em palavras...

Um homem de cochichos na cozinha, de conversas longas no parque de ouvidos e olhos atentos na cama. Um homem que dorme por último, que vela, que cobre o ombro descoberto, que se posta ante o olhar que dorme, que assiste sonhos pelo rosto da pessoa amada...

Um homem que divide histórias, livros, poesia, e que lê de mãos dadas um poema "As causas", de Jorge Luis Borges...

Um homem que gosta de mitologia grega para dividir com ele as histórias de homens apaixonados, e encontros à meia noite, um homem que comprou "O amor esquece de começar, do poeta Carpinejar, só pra ler ao telefone pra pessoa amada...

Um homem que olha tudo: roupas, sapatos, joias, livros, perfumes, cosméticos e em tudo vê a sua face, um homem que se orgulha de você, por quem é chamado de príncipe, gato, lindo e de meu rei. e que sempre será o mais belo da festa...

Um homem que seguiu os conselhos do mais sábio dos homens, que fez o corpo humano para entendê-lo por dentro, e conseguiu descobrir os seus caminhos, os seus labirintos, e seus prazeres, um homem que já deu nome a livros para eternizar na poesia que os séculos hão de manter na memória, e que ora percorre a vida e que aceita em troca apenas uma moeda, para te dar amor e carinho...

Este homem sou eu!



EDMÉE E O DESEMBARGADOR José Ribamar Froz Sobrinho, que na última semana de abril toma posse na presidência do Tribunal de Justiça do Estado



CASAL DE GRANDE CHARME, discreto, que pouco aparece, Marílina e Parmênio Carvalho - ele, um dos mais bem sucedidos empresários do Maranhão



Mulheres empresárias

Um grupo de mulheres representando o Conselho Estadual da Mulher Empresária do Maranhão, sob a liderança da presidente Márcia Nadler, e a diretora administrativa do Sebrae, Edila Neves, acompanhada por Paula Janete, estiveram participando do We Fórum em Brasília, promovido pela Confederação das Associações Comerciais e Empresariais do Brasil e parceiros.

O encontro que teve como tema "Conectando Mulheres e gerando oportunidades" foi uma oportunidade para explorar novas oportunidades de negócio e colaboração.

Na foto acima, da esquerda para a direita, Rosângela Costa (representante da cidade de Barra do Corda), Cris Ferreira (Imperatriz), Françoise Gama (Imperatriz), Edila Neves (Sebrae) Ana Isabel Azevedo (São Luís), Ana Claudia Badra (presidente do Conselho Nacional da Mulher) Márcia Nadler (presidente do Conselho Estadual), Lou Marques (São Luís) e Paula Janete (Sebrae).

Na foto ao lado, a presidente do Conselho Estadual Márcia Nadler com as diretoras Lou Marques, Edna Montenegro e Maria Vandira Peixoto, conselheira do CMEC Nacional.



Segundo lançamento

A segunda noite de autógrafos de Luís Augusto Cassas será no dia 23 de maio, no Miolo Bar, situado na Avenida Litorânea. Participarão poetas, compositores, artistas, amigos, músicos, instrumentistas.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Vista panorâmica do auditório durante a posse festiva dos novos membros do TJMA, as desembargadoras Oriana Gomes e Márcia Chaves e o desembargador José Nilo

POSSE FESTIVA NO TJMA

O presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA), desembargador Paulo Velten, empossou, na última quarta-feira (24/1), as juízas Oriana Gomes e Márcia Chaves no cargo de desembargadora, após serem promovidas por antiguidade e merecimento, respectivamente, e o magistrado José Nilo, no cargo de desembargador, pelo critério de merecimento.

A solenidade de posse foi realizada no Gabinete da Presidência, após as promoções aprovadas na 1ª sessão plenária realizada em 2024.

Na solenidade, o desembargador Paulo Velten, presidente do TJMA, avaliou que as magistradas e o magistrado foram promovidos por justo merecimento. Na ocasião, a desembargadora Sônia Amaral avaliou positivamente a chegada das

magistradas e do magistrado, para somar com o TJMA.

O presidente da Associação dos Magistrados do Maranhão, juiz Holidice Barros registrou que o momento é de muita satisfação. "Recebam os nossos cumprimentos, os nossos votos de que tenham uma carreira ainda mais exitosa, agora no segundo grau. Muito sucesso a todos vocês", pontuou.



Um foco de luz na nova desembargadora Oriana Gomes



O desembargador Ricardo Duailibe atento à solenidade no TJMA



Desembargadora Márcia Chaves entre os juízes Rogério e Gisele Rondon



O desembargador José Nilo, vistos entre o atual e o futuro presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA), desembargadores Paulo Velten e José Ribamar Froz Sobrinho



As desembargadoras Oriana Gomes e Márcia Chaves e o desembargador José Nilo, vistos entre o atual e o futuro presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA), desembargadores Paulo Velten e José Ribamar Froz Sobrinho



A advogada Ana Brandão com a desembargadora Oriana Gomes e a advogada Selma Carvalho



A desembargadora Oriana Gomes entre os irmãos Eulália das Neves Ferreira e Edilson Baldez das Neves



Desembargadora Oriana Gomes entre Daniela e desembargador Paulo Velten



Desembargadora Oriana Gomes entre Nazaré e o juiz federal aposentado Alberto Tavares Vieira da Silva



Dr. George Koehne com a desembargadora Oriana Gomes



Desembargadora Oriana Gomes entre seus colegas de toga, Froz Sobrinho e Vicente de Paula Gomes de Castro



Desembargadora Márcia Chaves entre Márcia Haydée e Paulo Ramos

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



A desembargadora Oriana Gomes com familiares e amigos



Desembargadora Márcia Chaves entre os seus colegas de toga Kleber Carvalho e Francisca Galiza



Desembargadores Froz Sobrinho, Raimundo Barros, Paulo Velten, Gerson de Oliveira Costa Filho e Jamil Gedeon Neto



Advogados Bruno Duailibe Pinheiro e Gabriel Costa



Mariléa e Gerson de Oliveira Costa Filho com o filho dele, Gabriel



Desembargadores Ricardo Duailibe e José Jorge Soares com o juiz Nelson Moraes Rêgo



Desembargadora Márcia Chaves entre Marcos, Nazaré, Raquel e Adroaldo Souza



Desembargadora Oriana Gomes e Tiago Diaz



Milina Gedeon, Francisca Galiza e Mariléa Costa



Graça Soares Amorim com Nazaré e Alberto Tavares da Silva



Desembargadora Oriana Gomes com a médica Socorro Bispo e os juizes Mariana e Márcio Brandão



Desembargadores Lourival Serejo e Gerson de Oliveira Costa Filho e o juiz Fernando Serejo



O desembargador aposentado José Bernardo Rodrigues com um grupo de colegas do TJMA



José Antonio Almeida Silva e sua mãe Elimar Almeida Silva



Sras Froz Sobrinho (Edmée) e Paulo Velten (Daniela)



Desembargadora Oriana Gomes com Josemar, Dra Suely Leite Chagas, médica de Cedral



Mariléa Costa, Alberto Tavares da Silva e Márcio Brandão



Abraão Sauaia Filho, Andréia Sauaia, Germana Quariguasi e Desembargador Nilo Ribeiro



Há 50 anos este registro foi feito em Hollywood, onde, por uma feliz coincidência, encontrei dois ídolos do cinema chegando para jantar num restaurante que não lembro o nome: Richard Burton e Elizabeth Taylor. Os dois, sem entenderem nada do que eu dizia, traduziram a minha gesticulação e posaram para esta foto que é um marco de minha primeira juventude

FOTOS ANTIGAS ou surpreendentes paisagens sépia e vultos de outros tempos

Nestes tempos de maturidade, meu brinquedo favorito tem sido ressuscitar fantasmas. Não faz muito tempo descobri num velho baú de minha família uma coleção de negativos de fotografias, verdadeiras relíquias produzidas lá pelas décadas de 1940 e 1950. Com o auxílio de um scanner, que vem a ser uma espécie de xerox da era digital, consegui jogar as imagens cinquentenárias na tela do computador e passei a receber, na minha residência e no meu gabinete de trabalho, inesperados visitantes do passado.

Muitos desses personagens são da minha própria família: avós com os quais convivi pouco, tios que sequer conheci, meus pais quando jovens e um séquito de parentes completamente estranhos aos meus olhos de menino. Eu mesmo, menino de calças curtas e sorriso meio

encabulado, pareço estranho nesse mundo habitado pelas caricaturas do que fomos. Ainda assim, com frequência aceito o convite mudo daqueles vultos de outros tempos para visitar as paisagens sépia por onde transitaram com seus pesadelos e sonhos.

Fotografias antigas sempre emocionam, mesmo quando não temos envolvimento direto com elas. É fascinante constatar que um dia o mundo foi diferente do que é hoje, que as pessoas se vestiam de outra maneira, que ruas e praças conhecidas tinham outro traçado ou sequer existiam.

São Luís, cidade que adotei como minha há quase 50 anos, já teve bondes e cheguei a andar pendurado nos seus estribos enquanto o cobrador contava passageiros com uma barulhenta manivela. As imagens pretéritas me revelam veículos quase pré-históricos, muitas carroças (o que,

em São Luís, não mudou muito), um ônibus sem a lataria lateral e modelos de automóveis só encontráveis em museus de antiguidades.

Mas o que mais impressiona é a expressão das pessoas, congeladas e arregaladas diante do aparelho fotográfico que as transportaria para o futuro. Chamo-as, carinhosamente e com muito respeito, de fantasmas. Mas me dou conta de que elas também parecem espantadas, como se estivessem vendo alguma coisa extraordinária do outro lado da lente que as retratou para a posteridade.

Talvez, naquele breve e mágico instante, nos tenham vislumbrado como as assombrações futuristas que um dia as trariam de volta ao mundo pelo juízo final da tecnologia.

Pois, certamente, para os habitantes das fotos antigas, os fantasmas somos nós.



Foi também no começo dos anos 1980 que fui convidado pelo "Rei" Roberto Carlos para acompanhá-lo na turnê "Emoções" pelas capitais do Nordeste. E viajei sentado ao seu lado, no avião "Emoções", da Vasp, de São Luís para Teresina e depois até Fortaleza e Recife

Belas lembranças

As fotos congelam momentos de gravidade indezessáveis e de alegria que, como a tragédia, são efêmeros. As fotos eternizam a frieza, que não é a mesma coisa que a indiferença. As fotos têm o condão de nos fazer observar a falsa seriedade ou a seriedade protocolar, oficial, transversal. As fotos nos levam ao fato consumado, ao momento que não se repete. Então, o que aparece nas fotos pode sofrer metamorfoses imprevisíveis nos atores e nas situações perpetuadas por um clic.

Um rosto é uma intriga

Algumas questões filosóficas são irresponsáveis mesmo. Até já me conformei com isso. Muitas pessoas, diante do inexplicável, decidem tomar emprestado do além, do metafísico, algumas respostas. Principalmente às três perguntas essenciais, tão bem

pintadas no Tahiti por Paul Gauguin: "O que somos? De onde viemos? Para onde vamos?".

Da minha parte, já que não consigo crer no intangível, nem no incomensurável, decidi deixar por isso mesmo, viver na ignorância, ser um agnóstico, o que dá no mesmo.

Mas ainda tem muitas coisas que me perturbam, como, por exemplo, balas de gengibre, formigas que comem teclados de computador, pincéis feitos de rabo de cavalo, nuvens com forma de camelo, um avião antes de decolar, navios em alto mar e um trem no deserto.

Também vivo me perguntando o motivo pelo qual algumas pessoas estão na minha vida. Nem é o motivo, mas o formato. Por que sempre esbarro com aquele fulano na rua, e ele me cumprimenta? Não sei seu nome, o que ele faz, de onde veio ou pra onde vai. Mas é um rosto familiar, está ali, me chamando a atenção, e não precisamos mais do que o cumprimento.

Sempre achei um mistério o fato de andar numa rua cheia de gente e ter a impressão que aquela massa humana é a mesma de ontem, com os mesmos rostos, o mesmo tipo de passo, uma onda, quase em câmara lenta, que vai não sei pra onde. Também me intriga conhecer alguém e ter a impressão de que se parece com outra pessoa que conheço há mais tempo.

Talvez o cérebro tenha um mecanismo que nos resguarde de surpresas faciais, por isso achamos que todo movimento humano, tirando a roupa que a moda impõe numa determinada época, é igual ao de ontem.

Um rosto é uma intriga. Aquela primeira ruga aparecendo no amigo, o primeiro fio de cabelo branco do fulano que conheço desde que quando tinha apenas 20 anos.

O tempo e o espelho modificam os rostos, mas nunca as pessoas. Pro bem e pro mal, elas são invariavelmente as mesmas, sempre.



NO COMEÇO DOS ANOS 1980, quando este Repórter PH era diretor do Teatro Arthur Azevedo e o poeta Bernardo Almeida era presidente da Fundação Cultural do Maranhão, levamos para uma visita ao Palácio dos Leões o escritor Gilberto Freyre (1900-1987) e sua esposa Magdalena. Freyre foi um grande sociólogo, historiador e ensaísta brasileiro, autor de "Casa Grande & Senzala"



Ainda nos anos 1980, quando veio lançar uma coleção de jóias que assinou para a marca H. Stern, a atriz francesa Catherine Deneuve (A Bela da Tarde) recebeu este Repórter PH e a saudosa colunista alagoana Maria Cândida Palmeira para uma entrevista exclusiva que publiquei neste caderno



Eis uma das mulheres mais charmosas da sociedade maranhense da segunda metade do século 20: Edna Abreu Itapary. Com sua alegria contagiante, ainda brilhou até o início deste novo milênio, quando saiu de cena e se isolou em seu apartamento, onde permaneceu ao lado do de dedicado marido Joaquim Itapary, se tratando do Mal de Alzheimer



Na véspera de ser cassado pela ditadura militar, o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira esteve em São Luís e foi homenageado, entre muitos, pelo jovem empresário José Carlos Salgueiro e sua mulher Rosimar Guimarães Salgueiro e Vilma das Graças Salles - ambas, ex-Miss Maranhão

Fotos/Divulgação



O advogado Dalton Arruda e a empresária Polyana Dominici, que neste fim de semana entregam cestas básicas para famílias carentes de povoados do município de Barreirinhas, onde ele é bastante conhecido e querido, e sempre que tem a oportunidade, retribui o carinho que recebe da população

CLICK DA MAIS RECENTE EDIÇÃO DO PROJETO 'Terça para Mulheres' (TPM), da AmoVinho, cuja convidada especial foi a empresária Guga Fernandes, que falou sobre empreendedorismo. No registro, a palestrante entre a gerente administrativa da casa, Amélia Jorge, e o casal Célia e Almíro Marinho (idealizador da AmoVinho)

Entusiasta do Centro Histórico vai inaugurar novo ponto de encontro



Ricardo Fernandes está prestes a inaugurar um novo espaço no Centro Histórico de São Luís, desta vez flertando com o mar e a Praça Gonçalves Dias

Um dos mais atuantes entusiastas do Centro Histórico de São Luís está prestes a surpreender novamente. Ricardo Fernandes, o Ricardo Pororoca, nome associado a outro projeto, o 'Surf na Pororoca', será o mentor de mais um espaço musical que, sem dúvida, será um ponto de encontro da turma jovem.

Ele, que comanda o Casarão Colonial, iniciativa de sucesso concebida em um imóvel de 1858 incrustado em uma das vias mais emblemáticas da Ilha do Amor e que se tornou ponto turístico, vai levar sua expertise e talento para a Beira-Mar.

Trata-se de um espaço ainda sem nome que flerta com a orla e a Praça Gonçalves Dias. É um endereço ao qual quase ninguém dava valor, mas ele, com seus olhos de águia, enxergou de longe.

O projeto é dos mais atraentes e agradáveis, com uma vista sensacional para a Baía de São Marcos e que vai valorizar bastante aquela região do Centro Histórico. Apesar da novidade, o Casarão Colonial, na Rua Afonso Pena, continua firme e forte, mas não mais aos domingos. Vai contemplar outros dias da semana. Bom, por enquanto, é tudo o que podemos adiantar.



Blume é leitor ávido e escritor apaixonado pelo ofício de retratar seu tempo e dar vida a seus pensamentos por meio da poesia

Daniel Blume vai lançar "Cartas ao Neto"

No próximo dia 2 de abril, será lançado em São Luís "Cartas ao Neto", mais novo livro de Daniel Blume, que desta vez brinda seus leitores com uma sátira poética que combina humor e crítica social. A noite de autógrafos será às 19h no restaurante Casa de Juja, no Brisamar Hotel.

Blume é um leitor ávido e

escritor apaixonado pelo ofício de retratar seu tempo e dar vida a seus pensamentos por meio da poesia. É membro titular do Pen Clube do Brasil e da Academia Internacional de Cultura. Ocupa as cadeiras de número 15 da Academia Ludovicense de Letras e da Academia Maranhense de Letras.

Nessa nova obra, inspirada por figuras históricas e literárias, desde Luciano de Samósata até autores brasileiros como Ariano Suassuna, ele explora a ironia e o sarcasmo para discutir poder e hipocrisia. O livro já está disponível na Amazon e nas livrarias Leitura e Amei.

● Depois do sucesso da primeira unidade no Shopping da Ilha, esta semana os maranhenses ganham a segunda loja da Oculum na capital maranhense, a Ótica Premium do Brasil.

● Com 39 lojas espalhadas no país e 26 anos de experiência no mercado, a marca oferece conceitos diferenciados.

● Nessa nova unidade no São Luís Shopping, próximo à Praça de Alimentação, os clientes já podem desfrutar de uma nova unidade, ainda mais moderna e com novo layout, funcionando em sistema de soft open, antecedendo ao evento

oficial de inauguração.

● Diversão e aprendizado para este feriadão. A programação 'Leitura na Páscoa' marcará o Projeto Ler é Viver neste sábado (27), a partir das 14h, na UEB Arthur Azevedo, na Vila Cabral Miranda, em Pedrinhas.

● No roteiro, voltado a crianças da região, estão atividades diversificadas que visam o acesso ao livro e o incentivo à leitura e à formação de novos leitores.

● O projeto, realizado pela Sociedade de

Amigos das Bibliotecas do Maranhão, destacará contação de história, oficina de leitura, oficina de criação literária e exposição de livros com o Carro-Biblioteca e seu rico acervo de mais de 500 títulos de grandes autores da literatura infantil.

● O projeto Ler é Viver também teve edição no sábado (23), na Vila Maruaí.

Ao todo, beneficiará 4 mil pessoas, sendo a maioria formada por alunos e professores de cinco escolas da rede municipal de ensino instaladas nas áreas de abrangência. A iniciativa tem apoio do Instituto Alcoa e parceria da Secretaria de Educação de São Luís.

Cantoria de Maracanã

É neste domingo a tradicional 'Cantoria' do Boi de Maracanã, às 13h, em sua sede, em Maracanã, zona rural da capital maranhense. O evento será marcado pela apresentação das novas toadas para os festejos juninos deste ano.

Nome do boi

Além disso, será divulgado o novo nome com o qual o boi será chamado este ano, uma tradição de Maracanã. O evento será regado a uma deliciosa feijoada e será, também, um momento de confraternização com brincantes, parceiros, admiradores e a comunidade. Os cantadores Ribinha de Maracanã, Humberto Filho, Emanuel Victor e Toinho Rocha produziram toadas novas, que somarão mais de 20 este ano.



Com barba e cabelo compridos, atores se transformam para contar a história bíblica de Jesus Cristo. Mas Christian Bale, ator de apolínea beleza é dos mais lembrados pelos cinéfilos



Robert Powell em um dos campeões de reprise da televisão brasileira, "Jesus de Nazareth", de 1974



Willem Dafoe no filme "A Última Tentação de Cristo", de Martin Scorsese, em 1988. Depois desse filme ele esteve produzindo um filme no Maranhão, ainda inédito

A PAIXÃO DE CRISTO

Não foi a cruz, nem foram os cravos, nem os espinhos, nem as chuchadas, nem os bofetões, nem os apodos vis, nem os ditos acerbos, nem as humilhações, nem o ridículo que magoaram e compungiram o Filho de Deus, quando na Terra: foi amar sem ser amado; querer o bem sem ser compreendido; pregar a verdade sem ser acreditado, pugnar pela justiça sem ser atingido, e exemplificar sem ser imitado.

A paixão de Jesus-Cristo –

segundo Pedro de Camargo, mais conhecido pelo pseudônimo de Vinícius, em seu livro Nas Pegadas do Mestre –, não se consumou no madeiro fincado no calvário: ela vem se consumando através do tempo, à face do mundo.

Os seus algozes não foram os esbirros romanos, que o conduziram ao suplicio; não foram tão pouco os filhos da população ignara, que ululavam às portas do palácio de Pilatos, exigindo sua condenação.

Os algozes de Jesus foram, no

passado, e são no presente, os falsos profetas que, anunciando o reino dos céus, trataram e tratam de conquistar o reino do mundo.

Os algozes de Jesus foram, no passado, e são no presente, as autoridades venais, tiranas e desonestas que abusaram e abusam do poder, escorchoando o povo, de quem se disseram e se dizem defensores.

Os algozes de Jesus foram, no passado, e são no presente, os que desvirtuaram e desvirtuam as coisas boas e santas em proveito

dos seus escusos interesses, mistificando em nome do Senhor.

Os algozes de Jesus foram, no passado, e são no presente, os egoístas, os orgulhosos, os bajuladores, sensualistas, os adúlteros, os jogadores, os intemperantes, os embusteiros.

Todo esse séquito continua, hoje como ontem, a crucificar aquele que é o símbolo do amor, da justiça, da verdade, e cuja doutrina é o código da moral mais pura e elevada que imaginar se possa.



Thiago Lacerda na montagem de A Paixão de Cristo em João Pessoa (PB)

A PAIXÃO DE CRISTO NO CINEMA

O que todos sabemos sobre a vida de Jesus Cristo, o Messias, nos é contada nas páginas da Bíblia Sagrada. O filho de Deus nascido de uma mulher virgem por intercessão do Espírito Santo. Sua vida é a mais bela história de amor ao próximo. O calvário, a cruz, a crucificação do Messias. Aquele que veio para salvar a humanidade através de sua paixão, morte e ressurreição.

Do cinema hollywoodiano aos tradicionais rituais nas paróquias de bairro de São Luís, a narrativa da paixão de Cristo tem motivado as maiores demonstrações de fé da humanidade. Na origem de tudo está uma celebração católica que revive aqueles que teriam sido os últimos momentos da vida de Jesus.

São, portanto, incontáveis as montagens cinematográficas sobre a vida e paixão de Jesus Cristo. Sabemos que desde os primórdios da Sétima Arte, os pioneiros investiram em diversas adaptações dos Evangelhos. Acredita-se que mais de duas mil versões foram realizadas sobre a vida do homem que dividiu o tempo antes e depois dele, seja no cinema, no teatro e na televisão. Logo, seria impossível enumerar todas as películas feitas sobre a vida do Redentor. Hoje, inspirado na passagem da Semana Santa e da Páscoa, este Caderno ilustra algumas das produções mais importantes no hagiográfico tema religioso no cinema.



Ted Neeley estrelou o musical "Jesus Cristo Superstar", em 1973



Jim Caviezel diz que depois de interpretar Jesus Cristo ele nunca mais emplacou em uma produção de sucesso

A PAIXÃO DE CRISTO NO BRASIL

A mais famosa montagem de A Paixão de Cristo no Brasil é a de Nova Jerusalém, no sertão pernambucano, que em 2011 foi transformada em Patrimônio Material e Imaterial de Pernambuco. O evento ocorre dentro das muralhas de Nova Jerusalém, o maior teatro ao ar livre do mundo com 100 mil m². O local é uma espécie de cidade-teatro onde a passagem bíblica mais conhecida da humanidade transformou-se no maior evento teatral do país, encenada com requinte em pouco mais de duas horas. Diante do realismo de cenário, trajes, expressões e emoções, o público que percorre a cidade-teatro, é envolvido por essa grande história de fé, esperança e milagres, como se tivessem viajado no tempo e no espaço.



Luigi Baricelli em A Paixão de Cristo

Em São Luís, há 32 anos, o espetáculo da Via-Sacra movimenta o bairro Anjo da Guarda e é considerada uma das maiores encenações ao livre da Paixão de Cristo apresentadas no Brasil. No elenco, 800 pessoas, entre atores e figurantes, entram em ação, distribuídas como pessoas do povo, soldados, crianças que formam o balé de anjos, bailarinos, elenco principal e ainda o elenco de apoio e infraestrutura.

Este ano, a Via-Sacra teve a juventude como mote de encenação, fazendo com que arte, magia e religiosidade se misturassem num espetáculo que fez o espectador se emocionar e reviver esse momento de forte apelo religioso quem, mesmo para os não cristãos, é visto como um belíssimo espetáculo cênico.



Max Von Sydow em A Maior História de Todos os Tempos (1965)